

O GOLPE DA RACIONALIZAÇÃO EM “CRIME E CASTIGO”, DE DOSTOIÉVSKI

THE RATIONALIZATION COUP IN DOSTOEVSKY'S "CRIME AND PUNISHMENT"

João Paulo Gurgel de Medeiros

Mestrando no programa de pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN

Médico especialista em Cardiologia Clínica e Intervencionista

Professor do curso de medicina da UERN

Membro do Gupo de Pesquisa do Pensamento Complexo GECOM-UERN.

RESUMO

O pensamento crítico social russo desenvolveu-se sobremaneira ao longo do século XIX. A Revolução Francesa gerou uma perturbação nas monarquias europeias, de modo que uma nova configuração do mundo se iniciou. Desta forma, muitas discussões acerca das relações de trabalho e de organização política se desenvolveram, com destaque para a *intelligentsia* russa, cuja influência se propagou para fora do seu país. Além disto, grandes escritores reforçaram o papel da literatura nesta influência, especialmente com a publicação de obras realistas centrais, que viriam a se tornar clássicos incontestáveis. Crime e Castigo, publicado em 1866, é uma das obras que procurou discutir a influência das ideias no comportamento humano, tendo em seu protagonista, Raskólnikov, um propagador das ideologias niilistas e utilitaristas. Colocando em foco o conceito de “super-homem”, bem estabelecido pelo filósofo Nietzsche, Dostoiévski mergulha nos confins da consciência de um indivíduo que, por insistir em negar a unidualidade do humano, nas relações consigo, com a sociedade e até mesmo com a realidade de que faz parte, como bem definiu Edgar Morin, acaba por padecer em virtude da aplicação monocrática da razão.

Palavras-chave: Condição humana. Literatura. Imaginário. Racionalização. Transdisciplinaridade

ABSTRACT

Russian social critical thinking developed greatly throughout the 19th century. The French Revolution caused a disturbance in the European monarchies, so that a new configuration of the world began. In this way, many discussions about labor relations and political organization developed, with emphasis on the Russian intelligentsia, whose influence spread outside their country. In addition, great writers reinforced the role of literature in this influence, especially with the publication of central realistic works, which would become undisputed classics. Crime and Punishment, published in 1866, is one of the works that sought to discuss the influence of ideas on human behavior, having in its protagonist, Raskólnikov, a propagator of nihilistic and utilitarian ideologies. Focusing on the concept of “superman”, well established by the philosopher Nietzsche, Dostoevsky dives into the confines of the consciousness of an individual who, by insisting on denying the uniduality of the human, in his relationships with himself, with society and even with the reality of which it is a part, as well defined Edgar Morin, ends up suffering due to the monocratic application of reason.

Keywords: Human condition. Literature. Imaginary. Rationalization. Transdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

O século XIX viveu uma grande efervescência nas questões das humanidades pelo mundo, especialmente a partir do desenvolvimento do pensamento técnico-científico e das importantes discussões dele decorrentes. A Revolução Francesa colocou em cheque o Antigo Regime. As relações de produção e trabalho foram gradativamente se modificando, também pelo modo como a tecnologia passou a permear o meio comunitário. A classe burguesa aproximou-se, num primeiro momento, da classe trabalhadora. As ideias mais liberais que se espalharam a partir dos desfechos do exemplo francês afastou ainda mais a nobreza daquelas duas classes.

O avanço de Napoleão Bonaparte exigiu uma resposta de todo o continente europeu. Enquanto os reis e seus respectivos nobres tentavam manter a configuração dos seus reinados contra o imperador francês, revoltas eram cada vez mais frequentes entre a população dos vários países e a realeza. As ideias e as discussões sociais abundavam e rapidamente tomaram o mundo, com reflexos sentidos ainda hoje.

Em alguns países, a sociedade estava disposta numa rigidez que advinha de séculos anteriores, tão distantes quanto a era medieval. A Rússia ainda vivia, na primeira metade do século, o regime de servidão, uma espécie de relação feudal de escravidão. Do seio da esfera da nobreza que não se identificava mais com os anseios de sua classe, passando a ter uma orientação mais europeia do que eslava, aliada aos pensamentos liberais que se difundiam, e, portanto, contrapondo-se ao tsar, surgiu o que passou para a posteridade como a *intelligentsia* russa. O poeta Vassíli Jukóvski (1783-1852), famoso na Rússia durante aquele período, foi o primeiro a usar o termo em sua acepção contemporânea. Este grupo de indivíduos aos poucos tomou para si a responsabilidade intelectual. Eram tidos como detentores de grande instrução e com profundo conhecimento para debater as grandes questões da sociedade em rápida transformação.

A *intelligentsia* russa contribuiu para fomentar, no seio do povo, o esclarecimento das ideias do novo mundo que surgia. Por meio de importantes revistas, que compilavam publicações as mais variadas – inclusive cartas abertas –, o pensamento russo desenvolveu-se e grandes embates eram travados entre os intelectuais. Alguns tomaram para si as aspirações das camadas menos favorecidas da sociedade e eram bastante ativos, a ponto de ter havido, ao longo do século, muitos conflitos importantes com o império russo (o tsar punia com frequência os que não estavam aliados ao pensamento autárquico). Posteriormente, no entanto, muitos destes eruditos foram criticados pelo próprio povo por não se encontrarem

conectados com as reais ânsias da massa trabalhadora. A falta de conversão em praticidade de muitas das ideias fez com que o termo aos poucos perdesse a sua importância, inclusive com inferências irônicas, como se referindo a pessoas ocupadas demais ruminando problemas morais para fazer algo realmente prático e útil.

Um dos grandes escritores da literatura russa pertenceu a este século. Fiódor M. Dostoiévski (1821-1881) apareceu no mundo literário graças a uma novela com forte teor social – “Gente Pobre”. Publicada em 1846, a obra foi bem recebida pelos intelectuais que ganhavam evidência nos círculos que discutiam e propagavam o pensamento socialista no país. O próprio autor acabou participando de um destes círculos, o de Petrachévski, tendo sido preso quando de sua dissolução, em 1849. Condenado inicialmente à morte, após meses retido e prestes a ser executado por fuzilamento, Dostoiévski teve sua pena comutada em trabalhos forçados na Sibéria. Após cinco anos de prisão, sua pena foi convertida em serviço militar por tempo indeterminado. Eventualmente, ele acabou conseguindo a liberdade e passou o resto da vida vivendo dos seus escritos. Por alguns anos, foi sócio de seu irmão em algumas publicações na forma de revista, algumas vezes sofrendo as sanções da censura do império russo.

Um fenômeno notório é a mudança de cosmovisão do escritor após o tempo de reclusão na Sibéria. Além disto, é indiscutível que suas grandes obras, como “Memórias do Subsolo” (1864), “Crime e Castigo” (1866), “O Idiota” (1869), “Os Demônios” (1872) e “Os Irmãos Karamázov” (1881), tenham sido criadas e publicadas nesta fase de sua vida. Entre os seus romances, a maioria dos críticos literários, ensaístas e dos grandes leitores ao longo dos anos reiteradamente atestam que “Crime e Castigo” se encontra entre os grandes livros já publicados – é considerado um clássico incontestável da literatura universal. Vivendo as grandes discussões do pensamento russo de sua época, e que provinha do ideário ocidental que se configurava, Dostoiévski de forma bastante honesta retratou em seu personagem central, Rodion Românovitch Raskólnikov, os conflitos possíveis a que estava sujeito alguém que seguisse uma ideia social até as últimas consequências.

O ROMANCE POLIFÔNICO DE DOSTOIÉSVKI

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), filósofo e teórico da cultura europeia, desenvolveu substanciais pesquisas sobre a linguagem humana. Foi um grande estudioso da obra de Dostoiévski, enunciando alguns conceitos teóricos acerca do estilo dos textos deste. Para Bakhtin, o romance dostoiévskiano tem um caráter polifônico, opondo-se, assim, ao

texto monológico bastante frequente nos anos anteriores aos da publicação das grandes obras do romancista russo. Particularmente, o que o teórico postulou acerca dos escritos de Dostoiévski? No texto deste, notam-se múltiplas consciências entre os personagens, cada um como um “eu” independente em relação ao “eu” do autor. Ou seja, os sujeitos nos textos não existem para narrar a cosmovisão do autor, ou para afirmar os seus valores. Cada um deles argumenta, dialoga e confronta na mesma altura do pensamento do escritor. Vários de seus personagens se agitam contra o próprio autor, pois são verdadeiros indivíduos – não são meros objetos criados pelo autor para o bel prazer de sua consciência (cf. BEZERRA, 2013, p. 198-199).

Num certo sentido, e sob algumas ressalvas, é como se os personagens do romancista fossem o que os heterônimos eram para Fernando Pessoa, ou seja, eles têm vida e cosmovisão próprias, personalidades singulares, além de poder de decisão sobre seus comportamentos e condutas diante da realidade ao seu redor. É importante colocar essa percepção de Bakhtin porque, no fim, é como se Dostoiévski estivesse conduzindo as múltiplas vozes da consciência social de seus personagens. Um escritor sempre é habitado por uma legião estrangeira, em sua voz fala uma multidão. O escritor russo leva isto às últimas consequências, de modo os desfechos sobre as discussões das ideias debatidas são imprevisíveis até mesmo para ele, o criador das obras.

Desta forma, ao retratar Raskólnikov, Dostoiévski tem o objetivo de, com autenticidade (marca dos grandes escritores), enveredar pelas ideias do personagem e, diante de suas condutas, avaliar os impactos disto decorrentes. No seio da sociedade em que se insere, o protagonista interage com as pessoas ao seu redor exercendo comportamentos ditados pelas ideias que estavam em evidência à época da escrita do romance. Como “personagem-indivíduo”, ele tem a liberdade de desempenhar os papéis que deseja para sua vida. É assim que Dostoiévski discute o niilismo, a ideia do “super-homem” de Nietzsche, as consequências de uma vida utilitarista, entre outros fenômenos sociais importantes.

É notório que a interação indivíduo-sociedade seja constituída de modo interdependente. O indivíduo e a sociedade coexistem. Sem um, não há o outro; e vice-versa (ELIAS, 1994). Discutindo acerca desta pulsante inter-relação, o próprio Norbert Elias assevera:

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como

grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade” (ELIAS, 1994, p. 24).

UM PROTAGONISTA FRAGMENTADO

Dostoiévski expande sua análise social com obras realistas, densas e impactantes na segunda metade do século XIX. Assim, é neste contexto que retrata a vida de um jovem universitário que tem sua própria concepção acerca das pessoas ao seu redor, ainda que, claramente, apresente-se um indivíduo um tanto destacado e que pouco interage com os outros habitantes de sua cidade. Raskólnikov é, aos poucos, confrontado com as divergências entre as atitudes resultantes de suas ideias e o que sente dentro de si – é como se a grande discussão do livro estivesse no conflito entre o que se faz e o que se pensa, entre o discurso e a prática. No fim, esta voz do escritor tenta iluminar o modo como a consciência enfim emerge para expor as ambivalências do personagem.

Não se pode deixar de observar que o próprio nome do protagonista guarda a essência da obra - “Raskol”, em russo, significa “cisão”, “fragmentação”, e isto representa bem o que se explicita sobre ele ao longo da narrativa. Trata-se de uma “consciência fragmentada”, alguém que convive com o tormento de uma mente dividida, conflituosa. Este sujeito utiliza a seguinte premissa, que será o substrato de toda a narrativa: Napoleão Bonaparte cometeu grandes atrocidades contra a humanidade, derramando rios de sangue na busca pela consolidação da civilização burguesa, que tem em sua macroestrutura o sistema bancário como símbolo maior, e a história o absorveu. Então, por que o próprio Raskólnikov não poderia matar uma mísera velha agiota, que repete na microestrutura da sociedade o que o sistema bancário faz na macroestrutura? (BEZERRA, 2001).

Com esta prerrogativa em mente, Raskólnikov mata a velha usurária e, por acidente, sua irmã, uma outra senhora que entrara no apartamento em que o primeiro crime acabara de acontecer. A grande tensão se desenrola justamente no seio da percepção entre se o jovem estudante de Direito, que largara a faculdade, pararia no limite da execução do assassinato, desenvolvendo apenas discussões acerca de suas ideias, ou se ele ultrapassaria o limite e cometeria o ato contra aquele “piolho” para a sociedade.

Ao longo do texto, densamente psicológico, o corpo de Raskólnikov dá pistas para o leitor, em muitas oportunidades, de que a consciência, no fundo, não está adormecida – ele sofre, ainda que queira se afirmar como tendo executado à perfeição o fundamento de sua

ideia acerca da sociedade. E esta cosmovisão é povoada, como já dito, pelo ideário em voga naquele século, com a grande modificação estrutural, territorial e social de todo o continente europeu e, por consequência, do mundo de então, com resultados que se desenrolaram por todo o século XX e sentidos ainda hoje.

A COMPLEXIDADE HUMANA

Uma forma honesta de se observar o pensamento e as atitudes de Raskólnikov, e a voz dada a ele pelo escritor, buscando as derradeiras consequências desta jornada escolhida, é utilizando a abordagem do pensamento complexo. E reside exatamente aí o desafio, e não a resposta:

Estou em busca de uma possibilidade de pensar através da complicação (ou seja, as infinitas inter-retroações), através das incertezas e através das contradições. Eu, absolutamente, não me reconheço quando se diz que situo a antinomia entre a simplicidade absoluta e a complexidade perfeita. (...) a ideia de complexidade comporta a imperfeição, já que ela comporta a incerteza e o reconhecimento do irreduzível (MORIN, 2005, p.102).

E é na ambiguidade e na incerteza que surge a necessidade da abordagem complexa. A ciência mesmo, em seu desenvolvimento natural, já apresentou para a humanidade alguns princípios físicos universais, entre eles o da incerteza e o da desordem. Além disto, a aparente simplicidade física e lógica é confrontada com a grande complexidade microfísica. Tal qual a inter-relação entre o indivíduo e a sociedade, o humano está em um cosmos imperfeito, que vive um processo em vias de desintegração e de organização ao mesmo tempo (MORIN, 2005).

É, portanto, facilmente percebido que os fenômenos antropossociais não se configuram em princípios menos complexos do que aqueles que harmonizam o conhecimento dos fenômenos naturais. Esta complexidade deve, antes de tudo, ser encarada, e não anulada.

Querendo afirmar sua posição no mundo, Raskólnikov interroga a condição humana. Faz considerações sobre as pessoas ao redor e, utilizando-se dos exemplos de grandes personagens da História, utiliza as ideias apreendidas e busca aplicar os preceitos teóricos sob uma espécie de auto-supervisão.

O escritor russo utiliza sua habilidade para, absorvendo os conhecimentos derivados das ciências humanas, evidenciar a multidimensionalidade e a complexidade do indivíduo. Ora: o ser humano não pode ser compreendido unicamente sob o prisma das ciências naturais, como a física, a biologia, a cosmologia. Na inter-relação indivíduo-sociedade, somos oriundos

também de nossa cultura, de nossas mente e consciência. Ao reconhecer como racional e científico o universo ao nosso redor acabamos também por nos distanciar dele. O ambíguo para “além” do mundo físico e vivo traz plenitude à humanidade (MORIN, 2000).

Raskólnikov traz em si essa unidualidade originária. A sua mente busca surpreender o corpo com uma potencialidade da vida. Ele é egocêntrico ao mesmo tempo que é altruísta. Vive de proventos enviados por sua mãe, que não sabe que ele abandonara a faculdade. Vive num cubículo em São Petersburgo, sob evidente penúria, mas não hesita em deixar dinheiro para os Marmiéladov diante da necessidade que observa naquele lar, ou de dar alguma esmola na rua. O seu corpo dá pistas recorrentes de que o peso das ideias é imensamente superior quando postas em prática. Padece de crises convulsivas, de mudanças francas de temperatura corpórea, ao mesmo tempo em que demonstra hipervitalidade para dissuadir sua irmã da ideia de se casar com o noivo. Ferve de ardores pelo juízo de fazer o melhor pelo bem comum ao mesmo tempo em que assassina duas senhoras indefesas a sangue frio.

É válido pontuar que Dostoiévski reforça o ambiente em que o protagonista se insere. A Rússia viveu ao longo do século XIX a modernização, que jogou gente do campo para viver nas periferias das grandes cidades. Pessoas arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas no “liquidificador” chamado de humanidade (KRENAK, 2019).

Um paralelo pode ser traçado, inclusive, entre a ideia de humanidade de Morin e de Krenak. Para este, tudo é natureza. Há uma ideia de pertencimento do ser humano à terra – a ideia, portanto, de se descolar desta, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Para o primeiro, há um paradoxo que acaba justificando o ser humano no cosmos – a unidualidade originária, como já mencionado. E é sintomático que em “Crime e Castigo” percebe-se em Raskólnikov parte da humanidade zumbi que não tolera tanta fruição de vida. Ele, inclusive, não busca o reordenamento das relações e dos espaços com o mundo ao redor, com a natureza de que faz parte. Uma vida autocentrada e totalmente alienada da sociedade vai dando substância ao longo da narrativa aos conflitos de sua consciência.

No começo da narrativa, antes de cometer os crimes, Raskólnikov está num bar conversando com o funcionário público Marmiéladov, pai de Sônia, uma personagem que acaba se aproximando de forma decisiva do protagonista mais adiante na narrativa. No desenrolar da conversa, Marmiéladov demonstra a angústia da inescapável insensatez em relação à sua família – gasta todos os seus copeques em bebida enquanto, descobriremos, sua filha se prostitui para prover o sustento dos irmãos e da sua mãe adotiva. Neste momento, escuta uma conversa entre dois homens acerca do dinheiro que possuía a velha agiota.

É aqui que constatamos o plano inicial de discutir o “crime teórico”, segundo o próprio autor, na medida em que a decisão de matar “o piolho”, provém de motivos racionais, e, como já disposto, em certa medida, “idealistas”. O que está, de fato, em jogo, não é a satisfação material que o dinheiro da usurária lhe traria, mas a prova de sua posição “extraordinária” entre os homens. O fato é que, após os assassinatos, é tomado pela culpa, vive momentos de extrema agonia durante o romance, e pensa até em se matar. Conforme se discutirá mais adiante, esta agonia advém não somente por conta do delito, mas também pelo desespero de não se convencer daquilo que queria – a sua falha pode ser localizada na tentativa de pura racionalização do ato.

Mais adiante, Raskólnikov acredita ter encontrado, na jovem prostituta, uma espécie de comunhão de alma, uma “irmã de armas”, pois a considera uma pecadora e, de certa forma, infeliz, tal como ele. A confusão ora apresentada na estrutura narrativa do texto é bastante coerente com o conflito que se configura na mente do protagonista. O fato, portanto, de aos poucos se considerar um desventurado revela o insucesso de sua empreitada – de ser tão grande quanto Napoleão Bonaparte, ou Pedro, o Grande.

Dostoiévski ainda incita uma outra discussão – será que Raskólnikov é louco? Ou ainda: será que ele enlouquece ao longo do desenrolar dos fatos na história? É possível contextualizar esta problemática no amálgama colocado por Morin, de que o *Homo sapiens* é também *Homo demens*. É assim também que: “Na era da razão triunfante, o irracional é mais atuante que nunca.” (NICOLESCU, 1999). É, portanto, difícil tecer comentários acerca do protagonista por meio de um texto analítico-científico. A ciência moderna, nascida de uma ideia revolucionária e surpreendente, separa o indivíduo conhecedor e a realidade, tida como completamente independente do indivíduo que a observa. Neste sentido, um estudo fiel do personagem requer o estilo ensaístico. A propósito, aproximar-se da mente de um executor de uma ideia com delineamentos até as últimas consequências é possível a partir da literatura, já que esta se desenvolveu ao longo do tempo na unidade com a ciência, a moral e a arte (ADORNO, 2003).

Um outro personagem se aproxima ainda mais de Raskólnikov na jornada que este empreende aos confins da própria consciência – o seu amigo Razumikhin. Enquanto o primeiro guarda no radical de seu nome a “cisão”, o segundo traz a “razão”. Diferente do preceito da racionalização estampada nos comportamentos idealísticos de Raskólnikov, as atitudes de Razumikhin se baseiam na teoria da “primitividade”, um fluxo de pensamento social russo mais próximo dos eslavófilos, opondo-se aos ocidentalistas. O seu foco era,

portanto, a originalidade da Rússia, distinguindo-se da cultura ocidental. Por buscar enxergar através da alma todos os indivíduos com quem interage, ele ainda tem esperança na recuperação de Raskólnikov.

É interessante como a posição de Razumikhin na narrativa expõe as possibilidades diferentes de se enxergar a realidade ao redor e buscar, a partir disto, tomar atitudes que norteiam a moral de cada um. Por exemplo: alguém pode se tornar um “escravo” de uma teoria abstrata materialista (Raskólnikov), enquanto outrem manterá um “fundamento” moral e terá a capacidade de distinguir o bem do mal (Razumikhin). No romance, esta busca até auxílio médico para os tormentos e crises do protagonista. Não faz questionamentos ou julgamentos acerca da postura de Raskólnikov, passando boa parte da história agindo conforme os ditames da própria consciência benévola mesmo quando não sabia que seu amigo era um criminoso. E sua postura foi de tentativa de compreensão, sem afastar o amigo da possibilidade do cumprimento da pena cabível.

O estilo dostoiévskiano, que representa precisamente a ideia do outro, conservando-lhe a plenivalência enquanto ideia, mas mantendo ao mesmo tempo a distância, sem afirmá-la nem fundi-la com sua própria ideologia representada, é muito bem caracterizado, como anteriormente pontuado, por Bakhtin (2018, p. 68), que revisando a biografia em notas próprias do autor extraiu-lhe a seguinte confissão: “Com um realismo pleno, *descobrir o homem no homem...* Chamam-me de *psicólogo: não é verdade*, sou apenas um realista *no mais alto sentido*, ou seja, retrato todas as *profundezas da alma humana*”. Assim, extrai Bakhtin que Dostoiévski apresentava três aspectos significativos: 1º) considerava-se um realista e não um romântico subjetivista; 2º) propunha um realismo não-monológico ou um realismo mais amplo; 3º) negava categoricamente que fosse um psicólogo.

Note-se que, a despeito do papel da psicologia no livro “Crime e Castigo”, em que o autor promove uma descida aos confins da consciência do protagonista, Dostoiévski não era afeito à posição da Psicologia de sua época de “coisificar” a psique humana, abordando-a deste um ponto de vista mecanicista, ora objetiva ora fisiologista. Esta perspectiva, a qual se opunha, apresentava o homem como um ser que pudesse se encaixar em modelos psicológicos e processos mentais totalmente conhecidos a partir de um outro homem que, visualizando-o pelas costas, buscasse defini-lo completamente. E é assim que o próprio Bakhtin reforça essa perspectiva ao dizer que Dostoiévski não transformou sua arte em psicologia porque Dostoiévski nunca ataca pelas costas ao objetivar um pensamento, uma ideia ou mesmo uma

experiência emocional – ou seja, o romancista russo não era um psicólogo, mas um realista (BAKHTIN, 2018).

Uma interface de Raskólnikov é aproximada do próprio papel da cidade de Petersburgo, que tem um grande papel no romance. O espaço da ação da narrativa está no limiar entre a existência e a inexistência, na fronteira entre a realidade e a fantasmagoria, que está prestes a dissipar-se como a neblina e fenecer. A cidade, portanto, parece estar na divisa, carecendo de fundamentos internos que a estabilizem. Espelha, neste sentido, o próprio desempenho do protagonista.

É neste universo de unidualidade, interface, fronteira, que Raskólnikov é melhor observado. Várias são as vozes que povoam o seu entorno, de modo que conceber perspectivas de tensão entre a razão e a loucura atestam com bastante honestidade o que o autor quis construir ao longo do romance. Nada é acabado, nada tem fim. Os comportamentos e as ideias se aproximam e se misturam, de modo que um e o outro são completamente interdependentes. É exatamente a falta de compreensão de que não pode estar acima desta dualidade o maior catalisador do padecimento do protagonista.

Em um dado momento, especialmente na altura em que o juiz de instrução Porfiri suspeita da autoria dos assassinatos, ficamos sabendo que Raskólnikov publicara, anteriormente à ação do crime, um artigo em que discorre sobre as suas ideias acerca da sociedade. No texto, inferem-se temas relacionados ao niilismo, ao utilitarismo e, especialmente, à sua concepção acerca de como as pessoas seriam classificadas. Para ele, existiriam os indivíduos “ordinários”, os comuns, que passam despercebidos pela História da humanidade, e os “extraordinários”, aqueles que realizariam feitos grandiosos e que estariam aptos a sacrificar vidas das pessoas ordinárias em prol de uma justificativa maior, e que não seriam julgados ou punidos por isto, mas até mesmo lembrados e glorificados. Neste sentido, ele tem afeição por Napoleão exatamente por considerá-lo um dos extraordinários em meio à humanidade. Não importa quantos banhos de sangue o imperador francês tenha promovido, o que se deve ter em conta é que para afirmar as conquistas da Revolução Francesa não importa quantas vidas precisem ser sacrificadas por ele. Acima dos ordinários, ele poderia promover tais massacres e não ser punido por isto por pessoas comuns, já que o fim do utilitarismo está justamente no bem comum. Raskólnikov chama a atenção ainda, no artigo, para o fato de que esta questão não estaria sob a escolha das pessoas – assim, alguém não poderia atingir uma posição de extraordinário pela simples vontade.

A neurociência apresenta o cérebro humano como dotado de três porções:

(...) o *paleocéfalo*, herdeiro do cérebro reptiliano, fonte da agressividade, do cio, das pulsões primárias, o *mesocéfalo*, herança do cérebro dos antigos mamíferos, no qual o hipocampo parece ligado ao desenvolvimento da afetividade e da memória de longo prazo, e o *córtex*, que, já bem desenvolvido nos mamíferos, chegando a envolver todas as estruturas do encéfalo e a formar os dois hemisférios cerebrais, hipertrofia-se nos humanos no neocórtex, que é a sede das aptidões analíticas, lógicas, estratégicas, que a cultura permite atualizar completamente (MORIN, 2000, p. 53).

Os estudos da neurociência explicam a relação instável e alternante entre a razão, a afetividade e as pulsões. É neste sentido que a razão não dispõe de poder supremo. A fragilidade da concorrência entre as instâncias explica porque a razão pode ser dominada e escravizada pela afetividade ou pela pulsão. “A pulsão homicida pode servir-se da maravilhosa máquina lógica e utilizar a racionalidade técnica para organizar e justificar suas ações” (MORIN, 2000). A complexidade humana se compreende na associação entre o indivíduo, a sociedade e a espécie – um, portanto, não se dissocia dos outros. Ao ocultar o valor da unidade humana, Raskólnikov não favorece a diversidade que advém desta unidade, desconsiderando o que ele tanto tenta atestar: ele não é um ser acima dos outros seres, da mesma forma que o outro não o é. A bipolarização do ser humano, entre outras características antagônicas, em *Homo sapiens* e *Homo demens* (sábio e louco) demonstra que o homem da racionalidade é também o dos afetos, do mito e do delírio. E, por isto, quando há desgaste e se rompem os controles racionais, culturais e materiais, com conseqüente confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, e quando, ainda, há predominância das ilusões e dos excessos desencadeados, então o *Homo demens* submete o *Homo sapiens* e subordina a inteligência racional a serviço de seus monstros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – UMA ESPERANÇA FACTÍVEL

Assim, reconhecendo o ser humano como o é na realidade, Raskólnikov vive seus próprios monstros, apresentados pelo autor nos delírios e também no adoecimento do corpo, levando o protagonista aos extremos da consciência. Por não poder se desconectar do que define o indivíduo, ele padece, até que, por não ver saída, a não ser o suicídio (atitude cogitada por ele, inclusive) ou o enlouquecimento, ele acaba por se entregar a Porfiri. Condenado a trabalhos forçados na Sibéria, longe da agitação e da atmosfera densa de Petersburgo, Raskólnikov ainda hesita durante a prisão. Não se conforma em não ser um homem extraordinário, ou mesmo tem dificuldade em ver-se desapegado das ideias que o

fizeram sucumbir. Dostoiévski costuma deixar finais abertos em seus romances, no sentido de que o fim dos protagonistas não é apresentado, as suas histórias não são acabadas.

Sônia, a prostituta, para quem ele primeiro conta sobre os assassinatos, foi quem o convenceu a se entregar. O amor dela por ele se prolonga mesmo na Sibéria, para onde ela se muda, passando a morar em uma casa nos arredores da prisão. Ela mantém a esperança da redenção, pois o escritor não mostra o arrependimento do protagonista mesmo depois de ter assumido a autoria do crime. Mas o epílogo do livro, nos seus parágrafos finais, dá pistas de que a esperança de Sônia tem fundamento – a felicidade dela, um Evangelho, a lembrança da passagem da ressurreição de Lázaro e a indagação mental de Raskólnikov: “Será que agora as convicções dela podem não ser também as minhas convicções? Os seus sentimentos, as suas aspirações, ao menos...” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 561).

E, por fim:

Mas aqui já começa outra história, a história da renovação gradual de um homem, a história do seu paulatino renascimento, da passagem progressiva de um mundo ao outro, do conhecimento de uma realidade nova, até então totalmente desconhecida. Isto poderia ser o tema de um novo relato — mas este está concluído (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 561).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 1ª Ed., 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 5ª Ed., 2018.

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto 5ª Ed., 1ª reimpressão, 2013.

_____. **Prefácio** in: Crime e Castigo, de Fiódor Mikailovitch Dostoiévski. São Paulo. Editora 34. 6ª Ed., 3ª reimpressão, 2013.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 6ª Ed., 3ª reimpressão, 2013.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. KEHL, Maria Rita.

GOMIDE, Bruno Barreto. **Antologia do pensamento crítico russo (1802-1901)**. Tradução Cecília Rosas, Denise Sales, Ekaterina Vólkova Américo, Graziela Schneider, Mário Ramos, Renata Esteves, Sonia Branco e Yulia Mikaelyan. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed., 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2005.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília, DF / São Paulo, SP, UNESCO/Cortez Editora, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução Lúcia Pereira de Souza. São Paulo, TRIOM, 2^a Ed., 1999.